



Tia Cleide  
Cantineira

# No vai e vem da vida entre perdas e conquistas o olhar de quem não desiste

Há quem tenha medo de mudanças. Que é melhor amigo(a) do comodismo e prefere não sair da zona de conforto. Há quem goste delas. Que ama se jogar numa aventura, de olhos fechados, como quem se lança sem saber ao certo o que pode encontrar lá embaixo. Maria Cleide de Oliveira Soares é dessas. Natural de Acopiara, região Centro-Sul do Ceará, a jovem mulher de 64 anos não tem medo da pedra no meio do caminho. Acostumada a ter de lidar com o diferente, com o novo, Maria Cleide é tudo, menos acostumada.

O trabalho sempre foi presente na vida da mulher de cabelos já grisalhos, pintados pelo tempo. Desde a roça até a sala de aula. Na farmácia ou na cantina. De roceira à professora, Maria Cleide virou *tia*. A partir daí, não recebe outro codinome. *Tia* Cleide. Dona Cleide? Jamais! Afinal, de "dono", só o Senhor da vida dela.

Quem vê os olhos de Maria Cleide é tomado pela confusão. O par em que se aparecem os primeiros sinais da velhice na verdade transbordam juventude. Ávidos e, ao mesmo tempo, serenos. Como quem acalenta. O conteúdo da fala, sim, imprime a trajetória de vida e expressa com sabedoria os aprendizados que a caminhada trouxe. Sempre objetiva, direta, sem rodeios. Vai direto ao ponto, como quem não titubeia ao tomar uma decisão.

A decisão da *tia* Cleide em deixar de ser *tia* dos alunos para virar *tia* dos clientes foi tomada sem arrependimentos. A sala de aula ainda deixa saudades, mas é o balcão que a torna completa. Seja pelas conversas informais, seja pelas histórias presenciadas na cantina do curso de Comunicação Social

da Universidade Federal do Ceará (UFC). Para os mais íntimos, o Ventão. Ah, o Ventão! "A melhor coisa" que aconteceu na vida dela. Foi ali que, durante 17 anos, *tia* Cleide ganhou muitos "sobrinhos". Viu gente entrar, viu gente sair, viu gente se descabelar, viu gente se amar, viu gente... Entre tantos rostos que passavam por aquele balcão, desde estudantes até professores renomados, o tratamento não tinha diferença. Sempre com o mesmo sorriso.

Sorriso tímido, mas resplandecente. Fale de família, então, que ele se abre como o desabrochar de uma rosa. A família, sim, é a vida de Maria Cleide. Sempre citando o pai como referência, a determinação em dar a melhor educação para os filhos foi a prioridade. A coragem e a persistência de Maria Cleide são traços que se destacam. É estereótipo vivo de "mãezona". Não daquela que passa a mão na cabeça do filho, que prepara o terreno, mas da que ensina o filho a prepará-lo.

Encontramos, enfim, a *tia* Cleide não por trás do balcão. Na verdade, para além dele. Sem a touca e o avental. Encontramos a mulher corajosa, de pulso firme, a qual não deixa de ser doce, calma, risonha. Que abre as portas de casa para dez futuros jornalistas como quem recebe dez novos filhos.

Nas páginas que se seguem você mergulhará em uma leitura reveladora de uma mulher simples, obstinada e cativante. Saberá, inclusive, por que este texto está escrito desta maneira assim tão humanizada. Conhecerá, assim como tivemos a oportunidade, uma *tia* que é filha, mãe, professora, empresária e simplesmente Cleide.

## Equipe de Produção:

Erick Bruno  
Lauriberto Pompeu

## Entrevistadores:

Átala Souza  
Brenda Albuquerque  
Daniel de Rezende  
Erick Bruno  
Frida Popp  
João Gabriel  
Lauriberto Pompeu  
Mylena Gadelha  
Rosiane Melo  
Tais Barros

## Texto de abertura:

Brenda Albuquerque

## Fotografia:

Stephanie Sousa



Entrevista com tia Cleide, dia 19 de novembro de 2015.

**Erick** – A gente tinha falado com a senhora (durante a produção desta entrevista) e a senhora falou que veio de Acopiara (interior do Ceará) para Fortaleza com 21 anos, a pedido, mando do pai...

**Tia Cleide** – (interrompendo) É, porque lá só tinha até a oitava série, eu queria fazer o pedagógico e lá não tinha, então eu vim para cá.

**Erick** – Que sonhos, quais os objetivos e as expectativas a senhora tinha quando chegou em Fortaleza com 21 anos?

**Tia Cleide** – Na época, na minha idade, eu vivia em uma situação difícil, pensava só em vir para trabalhar e ajudar meus pais. Passei a vida aqui não sei quantos anos trabalhando na Samasa (antiga rede de lojas de departamento em Fortaleza, que encerrou atividades nos anos 1990) e estudando à noite.

**Erick** – Mas a senhora não tinha nenhum ideal quando veio para cá?

**Tia Cleide** – Tinha, eu queria ser professora. Aí eu comecei a fazer o pedagógico normal e depois de muito tempo eu fui fazer pedagogia.

**Erick** – A senhora começou destacando as dificuldades no interior...

**Tia Cleide** – (interrompendo) As dificuldades no interior, na minha época era assim, mas agora não, os mais novos não sofrem tanto quanto os mais velhos.

**Erick** – Era isso que eu queria saber, que tipo de lembrança mais marcante a senhora guarda desse período da infância em Acopiara? Como era a criação do pai da senhora?

**Tia Cleide** – Meu pai era bem caxias! Ele trabalhava na roça, apanhava feijão, apanhava arroz e, quando chegava, eu tinha de ir pro colégio porque, se não apanhava, ele era bem caxias. Meu pai era um homem que sabia cuidar dos filhos. Ele hoje tem 92 anos, mas para mim ele é um gênio, não existe pai melhor. Ele batia nos meus irmãos, meu irmão mais velho apanhava tanto dele, ele batia até de estaca, ficava toda sangrando as costas dele, mas todo mundo era doido por ele, apaixonado por ele, acho que ninguém nem lembra mais dessas coisas de apanhar ou não apanhar, era o jeito dele.

**Lauriberto** – A senhora tem 13 irmãos, como era a sua relação com eles? Vocês eram unidos?

**Tia Cleide** – Nós somos muito amigos, no interior, quando a gente é da roça, a gente é mais unido, que o sacrifício é grande, não tem dinheiro para brigar. Mas, agora, acho que até tem, porque, depois que os pais criam as coisas, os filhos ficam mais desconfiados um do outro.

**Daniel** – Na época a senhora falou que vivia basicamente de vender o algodão e o feijão...

**Tia Cleide** – Sim, o algodão e o feijão, meu pai trabalhava na roça. Quando a gente veio para cá, abrimos uma mercearia, ele começou a fazer amizade com o dono do cartório, naquela época o governo era do Virgílio Távora (militar e político cearense, foi senador e governador do Ceará durante a ditadura militar), aí o Virgílio Távora arrumou um emprego para ele no cartório. Ele ficou trabalhando no cartório, depois foi candidato a vereador, foi vereador em três gestões. Ele ganhou um emprego que não tinha concurso, foi oficial de justiça lá no interior, o Virgílio Távora arrumou o emprego para ele, hoje ele é aposentado como oficial de justiça. Então, as coisas começaram a melhorar para todo mundo, para todos os filhos.

**Daniel** – Quais eram as principais dificuldades que a família da senhora passava em Acopiara?

**Tia Cleide** – Em Acopiara? A falta de trabalho. O meu pai até que estudou até a quinta série e era muito inteligente. Ele sabe calcular um terreno, mede o terreno todinho, não tem negócio de topografia nem nada. Vai lá, quando (for) vender, divide o terreno. Era inteligente para a quinta série.

**Átala** – A senhora fala com muita admiração e carinho sobre o seu pai, mas como era a relação com sua mãe?

**Tia Cleide** – Bem demais! Ela era uma santa para nós. Eram 14, morreu o novinho e ficaram 13, eram nove mulheres e quatro homens. Papai era muito durão, não queria que a gente saísse nem nada, mamãe que dava dinheiro para comprar uma roupa para gente, ela dava um jeito de comprar as coisas de mulher mesmo, era muita moça dentro de casa.

**Átala** – Era uma mãezona?

**Tia Cleide** – Era uma mãezona, Ave Maria! Minha mãe tá com 89 anos, já teve um AVC,

Lauriberto Pompeu, um dos produtores desta entrevista, é filho da jornalista Carmen Pompeu, que participou da primeira edição da Revista Entrevista em 1992. Na ocasião, Lauriberto ainda não era nascido.

Dos dez participantes desta edição da Revista Entrevista, apenas Erick já era nascido quando a primeira edição foi publicada há 24 anos a serem completados em agosto próximo.

Tia Cleide foi a segunda mais votada entre os indicados desta edição da *Revista Entrevista*, perdeu apenas para a líder comunitária Nereide do Pirambu.

mas já se recuperou, faz tudo dentro de casa, tudo, bota roupa em máquina, faz tudo.

**Lauriberto** – Quais são as principais lembranças que você tem dela do período de Acopiara?

**Tia Cleide** – A lembrança que eu tenho é que ela sempre foi muito dedicada, cuidava da casa, trabalhadeira, pisando milho, pisando arroz, essas coisas de casa. Meu pai, quando melhorou de vida, comprou essa casa aí (*vizinha de onde ela mora atualmente, no bairro Farias Brito*) e os filhos vieram para cá para estudar. Minha mãe vai e passa 20 dias lá e volta, meu pai passa quase seis meses lá só, com uma pessoa lá para cuidar dele. Ela dizia: “Não quero mais morar em Acopiara, não, lá eu sofri demais, não quero mais voltar para lá, não”.

**Rosiane** – A senhora falou que veio para Fortaleza e sua família em Acopiara era muito unida, muito grande. A senhora veio para Fortaleza sozinha?

**Tia Cleide** – Não, quando eu vim, fui morar na casa de uma tia minha que morava lá no (*bairro*) Parque Araxá.

**Rosiane** – Como foi lidar com a cidade grande sem a família?

**Tia Cleide** – Eu não sei nem como explicar, porque agora você tem uma visão das coisas diferente, mas quando eu morava no interior, tinha uma coisa, sei lá, não sei nem explicar não, tinha uma coisa de novidade. Eu não sei explicar, não, como a gente se sente.

**Rosiane** – É um estranhamento?

**Tia Cleide** – Um estranhamento muito

grande você vir de uma cidade do interior. Na época em que eu morava lá tinha 32 mil habitantes, agora são 58 mil habitantes, quer dizer, já é uma cidade bem desenvolvida. Mas, quando eu comecei a estudar, a minha prima que morava com minha tia ia me deixar todo dia no colégio, voltava, e eu fui aprendendo também e já fui a pé, lá para o colégio que ficava no Parque da Criança, eu ia a pé daqui (*da casa dela*) para lá e voltava.

**Átala** – A senhora disse que veio para cá porque seu pai decidiu: como a senhora recebeu essa notícia, era desejo seu também vir para cá?

**Tia Cleide** – Não tinha esse negócio, não, todos tinham de ser assim, nem que fosse para terminar o segundo grau, que para ele já era uma formatura grande. Todos estudaram, todos tinham de vir. Quando começou lá no Iguatu (*na região centro-sul do Ceará, próximo de Acopiara*) mais perto, aí começaram a ir pro Iguatu, porque aqui já ficava difícil, eu morava na casa da minha tia e minha mãe tinha de ficar mandando as coisas, mandava doce de leite, feijão, arroz, a manutenção, né?

**Frida** – E qual foi a maior dificuldade da senhora quando chegou de Acopiara?

**Tia Cleide** – A amizade, porque eu só conhecia o pessoal da casa e até fazer amizade com o pessoal tudo assim é ruim, mas deu certo graças a Deus, tem de dar né?

**João Gabriel** – Na época em que a senhora chegou aqui para estudar, como mantinha o contato com sua família em Acopiara, ou ficou uma coisa mais distante? Como foi?

**Tia Cleide** – Não, telefone a gente não



O contrato de tia Cleide com a UFC se encerrou poucos meses antes da votação que definiu os entrevistados. Descobrir a trajetória, pouco conhecida, de alguém tão marcante na história do curso foi a motivação para que ela fosse indicada.

tinha, não. Era assim: as férias eu viajava, viajava de trem. Quando eu comprava alguma coisa, comprava um sofá novo, porque não tinha, tinha de ter todo o cuidado para deixar lá na Praça da Estação, eu ia de trem lá para Acopiara e meu pai esperava lá. Às vezes, eu mandava uma carta lá pro depósito da estação e ele ficava lá esperando, tinha tudo, fogão, geladeira.

**Tais** – E, hoje, a senhora mantém contato com eles como?

**Tia Cleide** – Todos, todos, de vez em quando eles estão aqui na casa da mamãe, de vez em quando eles se juntam, a gente viaja para lá. Aqui vizinho mora minha irmã, minha mãe, tem uma que mora no bairro de Fátima, tem outra que mora na (*avenida*) Jovita (*Feitosa*), é assim tudo perto, tudo morando perto.

**Erick** – A senhora *tá* destacando bastante essa questão de que, quando tinha chegado em Fortaleza, a prioridade, além de estudar, era ajudar a família. O quanto a senhora acha que isso veio do peso da formação da senhora? A senhora destacou muito que seu pai sempre passou a questão dos valores. O quanto a senhora acha que o modo como seu pai soube criar os filhos ajudou a mentalidade da senhora já adulta aqui em Fortaleza, a ter essa percepção, essa determinação tão grande de: “Tenho de juntar dinheiro, tenho de ajudar meus pais?”

**Tia Cleide** – É porque a dificuldade que você passa junto aos seus pais, você valoriza seus pais. Os meus filhos foram criados assim. O meu filho mais velho foi um dos que me ajudaram bastante a formar os outros irmãos mais novos. Ele trabalhava, fazia escola técnica, terminou edificações, trabalhava lá no (*bairro*) Papicu no escritório, ele era empregado lá, conhecido como estagiário. Fez engenharia civil na UFC, terminou, continuou trabalhando, eu morava no (*conjunto*) José Walter, pegava um ônibus ia pro Papicu, do Papicu pegava outro ônibus e ia pro (*campus*) Pici e do Pici ele pegava o ôni-

bus e ia pro Papicu de novo e de lá ele pegava outro e ia pro José Walter. Ele terminou a faculdade de engenharia assim. Quando ele terminou a faculdade ele entrou como sócio em um escritório, vários engenheiros chamaram para fazer sociedade. Ele foi criando... A minha filha mais velha, mais nova do que ele, já foi ajudando nas despesas dela, que ela queria fazer Unifor (*Universidade de Fortaleza, faculdade privada*), ela foi estudar na Unifor. Ela pegava a confecção de roupa, levava, vendia, aliás, ela vendia mais do que eu na Unifor, ela levava camiseta, levava blusa, comprava lá no José Walter, vendia tudo, voltava para casa, teve a faculdade dela todinha assim na Unifor.

Quando ela se formou, juntou os dois, essa que fez medicina, começaram a ajudar essa outra, porque ela não podia trabalhar, só estudar, porque a faculdade era o dia inteiro, medicina. Eles dois ajudavam, davam roupa, todos os três ajudavam a manter a casa, não tinha esse negócio, não. Nunca dei uma bicicleta a nenhum, nunca fui acostumada assim, do jeito que eu fui acostumada pelo meu pai, eu acostumei eles. Todos eles adquiriram carro, todos têm carro, inclusive meu neto que hoje faz veterinária. Mas todos eles compraram carro com o dinheiro deles depois que se formaram. Mas sofreram um bocado. A minha segunda, que fez Unifor, fez terapia ocupacional, quando ela terminou, passou quase seis meses sem arrumar emprego, trabalhou seis meses lá no (*clínica*) Neurocentro de graça, para poder ter um reconhecimento para ela, arrumou um emprego lá em Iparana (*praia próxima a Fortaleza*), no Sesc de Iparana, que minha irmã é nutricionista lá e arrumou para ela ficar. Ela saía do José Walter às 5h30min para chegar às oito horas em Iparana, comprou o carro dela e pronto. Fez o concurso para UFC para terapia ocupacional, eram 86 pessoas para uma vaga e ela ficou, ela passou, hoje *tá* com 12 anos que ela *tá* na UFC, na Maternidade Escola (*Assis Chateaubriand*). Todos me ajudaram, todos, do mesmo jeito que eu fui criada pelo meu pai, eu criei tudinho, não dei moleza para nenhum, não, de jeito nenhum.

**Frida** – Tia Cleide, quando a senhora chegou em Fortaleza, conheceu o seu marido, conta para gente como foi, como foi que vocês se conheceram.

**Tia Cleide** – A gente trabalhava no mesmo lugar lá na Samasa. Depois fomos para uma farmácia, a Farmácia Fortaleza, lá no (*bairro*) Montese, nos conhecemos e casamos.

**Erick** – Demorou quanto tempo tia Cleide, entre conhecer e casar?

**Tia Cleide** – Passamos dois anos e meio

O primeiro contato com *tia* Cleide ocorreu logo após a votação para escolha dos entrevistados. A dupla de produção, acompanhada de outros colegas, foi merendar na cantina do curso de Arquitetura, onde a entrevistada estava ajudando o genro.

Erick e Lauriberto, da equipe de produção, visitaram a cantina do curso de Arquitetura quase todos os dias entre o primeiro contato com a *tia* Cleide e a realização da entrevista.

---

“Meu pai era um homem que sabia cuidar dos filhos. Ele hoje tem 92 anos, mas para mim ele é um gênio, não existe pai melhor”.

---

Erick e Lauriberto foram chamados de "ratinhos brancos de laboratório" pelo professor Ronaldo Salgado, pois eram a primeira equipe de produção desta edição da revista.

namorando.

**Frida** – E qual é a fórmula pra manter um casamento por mais de 40 anos?

**Tia Cleide** – A fórmula é assim: você tem seus altos e baixos, todo casal tem, todos, todos, não existe casal sem de vez em quando ter arruaça, não. Depois de 43 anos casada com a pessoa, não tem como você se sair mais. Porque já fica uma coisa que é... Não tem como se sair mais. Tem de aturar um ao outro. Tem de aturar nem que não queira.

**Lauriberto** – E quando nasceu o primeiro filho, como foi a sensação de ser mãe?

**Tia Cleide** – É uma pergunta boa, é muito bom, viu? Ser mãe é tudo na vida, tinha uma vontade enorme de ter filhos, todos os três – e essa última, que é médica agora, passei dez anos para tê-la depois da segunda.

**Lauriberto** – A senhora acha que mudou a sua percepção de vida?

**Tia Cleide** – Muda, toda mulher depois que ela é mãe muda completamente. Teve uma época em que eu trabalhava, eu saí do colégio para poder me dedicar mais aos filhos, porque eu queria que eles tivessem interesse, que se formassem, embora eu ache que o interesse foi mais deles. Porque, quando não quer, não tem esse negócio, não, tem pais que insistem, insistem e o filho não quer, tem pais que insistem e o filho quer. O interesse é deles, da pessoa própria que quer alguma coisa.

**Brenda** – Tia Cleide, a senhora na pré-entrevista disse que passou um tempo em São Paulo. Em que momento da vida a senhora decidiu isso?

**Tia Cleide** – Passei um tempo em São Paulo, logo quando eu casei. Porque meu irmão e meu cunhado estavam lá e disseram que estava muito bom lá e a gente foi naquele negócio de incentivo de ir. Naquela época era comum, o pessoal querer ir para São Paulo conhecer. Nós passamos 17 anos, é bom lá, muito bom, cidade muito boa, outra educação, formação diferente, pessoal muito educado, eles ajudam bastante as pessoas e são educados. Você chega aqui no Ceará, basta você andar no trânsito para saber a diferença da educação de lá para cá, é outra educação.

**Mylena** – Antes da entrevista, a senhora falou que, quando chegou em São Paulo, vocês empreenderam.

**Tia Cleide** – Nós tínhamos uma farmácia, quando nós viemos para cá de novo, vendemos tudo lá. Compramos casa, telefone... Naquela época era a onda de comprar telefone, você comprava telefone, era 1.000 reais e daqui a pouco ficava 3.000, depois o telefone caiu e tivemos prejuízo, mas é as-

Logo de cara, ela se mostrou bem feliz com a proposta e prontamente aceitou o convite afirmando para a dupla de produção: "Vai dar tudo certo!"



---

**"A dificuldade que você passa junto aos seus pais, você valoriza seus pais, os meus filhos foram criados assim".**

---



Muitas pessoas do curso de jornalismo da UFC ficaram bastante felizes com a escolha da tia Cleide como uma das entrevistadas para a *Revista Entrevista*, já que ela é uma personagem importante na história recente do curso.

---

“Ser mãe é tudo na vida, tinha uma vontade enorme de ter filhos, todos os três – e essa última, que é médica agora, passei dez anos para tê-la depois da segunda”.

---

sim mesmo.

**Daniel** – Mas, lá em São Paulo, como era cuidar da farmácia, cuidar dos filhos, dar educação pros filhos, cuidar da casa?

**Tia Cleide** – Era assim: eu morava em cima, a farmácia era embaixo, aí eu ficava, sempre tinha uma pessoa morando comigo, depois de uma época que tá todo mundo grande aqui em casa, é só eu mesmo e minha filha, precisava de empregada nem nada não, quem chegava primeiro ia fazendo (*as tarefas de casa*), meu esposo chega e faz, eu chego e faço, meu neto chega e faz, é assim, quem chegar primeiro faz.

**Lauriberto** – As pessoas de São Paulo foram receptivas a senhora?

**Tia Cleide** – O pessoal lá é muito generoso, pessoal de lá ajuda mesmo os outros. Uma vez, deixei uma empregada lá com meus filhos, uma babá, fiquei lá em cima, fui fazer umas compras, quando eu voltei a mulher tinha ido embora, tinha deixado as crianças sozinhas, a vizinha pegou (*as crianças*) e levou para casa dela, era um pessoal, bem mais do que... Eu gosto do Ceará, porque eu sou cearense, mas o pessoal de lá realmente é muito generoso, mais do que aqui.

**Erick** – A senhora mesma destacou que era um período em que muita gente estava indo para São Paulo, a senhora tinha contato com outras pessoas daqui? Muito cearen-

se, muito nordestino?

**Tia Cleide** – Tinha demais, tinha uma tal de casa do norte lá, a gente só vivia lá, lá só vende coisa assim: feijão de corda, cuscuz e milho. Tem muito cearense lá, muita gente ganha a vida lá, tem muita oferta de emprego, conheço muita gente que morava aqui, se formou e foi para lá, tinha uma pessoa que fazia computação aqui, foi para lá trabalhar em uma multinacional, tá bem, ganha cinco mil por mês.

**Mylena** – A gente percebe que, ao longo de sua vida, ocorreram muitas mudanças, a saída de Acopiara para Fortaleza, depois para São Paulo, a volta. Como a senhora enxerga essa questão da mudança na vida?

**Tia Cleide** – Eu ganhei muita experiência, é bom... Você começa a ver as coisas de um modo diferente, começa a ver as coisas erradas, aí vem junto com a idade, você pegando mais experiência, é bom.

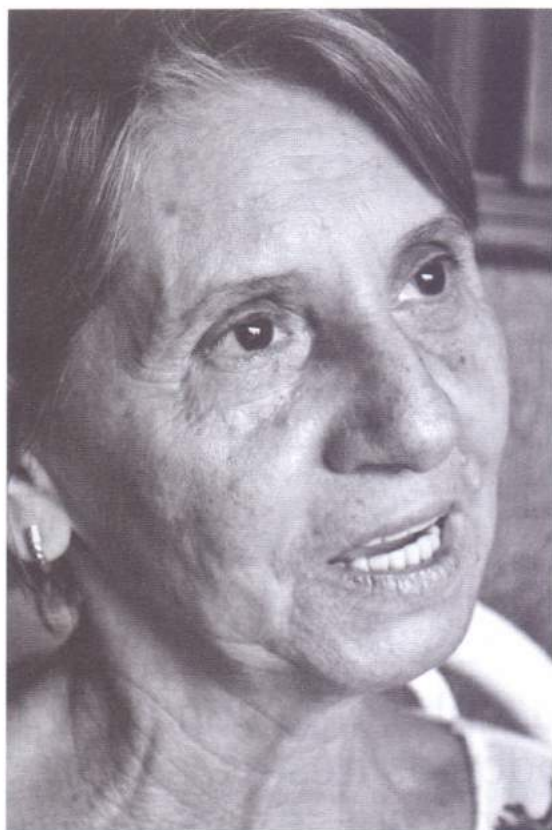
**Átala** – Mas como a senhora soube lidar com essas transformações, primeiro a saída de Acopiara para Fortaleza?

**Tia Cleide** – Pois é, quando você tem o pensamento de dizer assim, como a gente foi criado pelo meu pai, tudo você tem de fazer alguma coisa, tudo, tudo. Você tem de batalhar para dar certo, é nessa batalha que você foca, não vai ficar: “Ah não sei se vai dar certo”. Você tem de focar que você

Uma semana antes da realização da entrevista, Erick se mostrou bastante apreensivo, com medo de não dar tempo de terminar o material de produção. Lauriberto procurou acalmá-lo, falando que tudo iria dar certo.



Erick só ficou realmente tranquilo depois que o material de produção e a pauta foram enviados para o professor Ronaldo e o restante da turma.



Antes da entrevista propriamente dita, Erick e Lauriberto fizeram uma pré-entrevista de cerca de meia hora com tia Cleide.

vai precisar. Então, se você precisa, você vai trabalhar, você trabalha, você não tem tempo para pensar besteira. Porque quem tem a mente desocupada só pensa besteira, quando você ocupa sua mente, você só vai evoluir.

**Lauriberto** – Qual foi o processo de adaptação mais difícil, o de Acopiara para Fortaleza ou de Fortaleza para São Paulo?

**Tia Cleide** – Rapaz, acho que o mais difícil foi o de voltar de São Paulo para cá, porque eu tinha aquela vontade de voltar mais por causa do meu esposo, que insistia em voltar, eu queria ficar lá, porque lá a gente já estava estabelecido, já tinha casa, comércio e tudo. Acho que foi mais difícil de lá para cá.

**Daniel** – Como a senhora se sentiu com essas mudanças na sua vida?

**Tia Cleide** – É como eu estava dizendo para você, quando eu vim de Acopiara, eu vim com um pensamento. Quando você mora no interior, você não tem a cabecinha aberta que nem ela que nasceu aqui (*aponta para Frida*). De jeito nenhum! A educação dela é diferente. Naquele tempo a gente era muito assim, meio... Era complicado mesmo, não tem como explicar, o professor Ronaldo deve saber. Naquele tempo, o pensamento da gente era outro, não era? As coisas eram mais difíceis. Quando eu vim de São Paulo, já vim com a cabeça mais aberta.

**Rosiane** – E por que a senhora decidiu voltar?

**Tia Cleide** – Coisa mesmo de cearense de voltar para casa, de família, papai ia lá e insistia: “Não, eu vou voltar”. Estava ficando muito perigoso, teve dois assaltos dentro da farmácia também.

**Daniel** – Tia Cleide, me fala desses dois assaltos. Como eles aconteceram?

**Tia Cleide** – O primeiro assalto eu tinha saído, quando eu voltei, eu estacionei meu carro, tirei minha bolsa, peguei o cachecol, lá estava muito frio. Aí entraram três caras na farmácia, um de esmoléu, camiseta, anunciaram o assalto, eu estava sozinha, eles pegaram logo minha bolsa, foram lá no depósito, arrancaram o fio do telefone,

---

“Eu achava bonito ser professora, nessa época no interior tinha muita carência de ter professor, eu ensinava muito de casa”.

---



Durante a realização dessa pré-entrevista, algumas características do comportamento da tia Cleide foram notadas, como o fato de ela bater muito na mesa enquanto fala e da extrema admiração que sente pelo pai.

quando meu esposo vinha entrando, eles foram para cima dele com o revólver, deitaram ele no chão e botaram o revólver no ouvido dele. Ele disse: "Cleide, corre". Quando eles viram que eu ia correr, um deles me segurou pelo braço, eu me urinei todinha de medo. É ruim, quem nunca passou um assalto não sabe o que é ruim! Eles ficaram com o revólver, um segurando o revólver e o outro arrastando tudo da farmácia. Isso tinha três lá e tinha três no barzinho que ficava perto da farmácia, tinha um bar, tinha uma mercearia, tinha um pontinho de vender café, tudo embaixo dos apartamentozinhos. Eles saíram correndo, eram seis, três lá e tinham três na farmácia e quando um gritou, eles soltaram meu esposo e saíram correndo. Quando eles saíram correndo, meu esposo subiu lá em cima, pegou um revólver e foi correndo atrás deles atirando, e o pessoal (*vizinhos*) correndo atrás dele e dizendo: "Pedro, para, Pedro". Chamaram a Polícia Federal, naquela confusão todinha lá, eu não gosto nem de lembrar. Depois de um mês prenderam esse cara e foram chamar meu esposo para fazer o reconhecimento, e o rapaz em vez de ter botado o vidro pro meu esposo ver, não, ele mostrou ele pro meu esposo. Ele disse: "Não, não foi esse que assaltou não". Com medo. O outro disse: "Não, tio, fui eu que assaltou você, sim". Ele ainda confirmou, meu marido ficou com muito medo. Quando foi depois de um mês, de novo quando a gente estava lá na farmácia, veio um arrastão, levaram

tudo que a gente tinha no caixa, foram dois (*assaltos*) seguidos. Nessa época que eu estava em São Paulo era assalto demais, era muito assalto; aqui em Fortaleza eu nunca fui assaltada.

**Daniel** – Essa experiência mudou muito a vida da senhora?

**Tia Cleide** – Mudou, a gente anda com mais... Você começa a andar com mais cuidado, a olhar, ver quem tá atrás, tudo você tem de ter cuidado. É que nem você bater um carro, depois da segunda vez que você bate, você tem o discernimento das coisas.

**Brenda** – A senhora em algum momento pensou em desistir depois dessas duas experiências chatas?

**Tia Cleide** – Pensar a gente pensa, mas não pode, você tem de trabalhar, eu gosto da cantina porque lá eu me sinto segura, acredita? A gente acha que lá não tem assalto, pode até ter, mas acho que é menos. Lá é seguro, eu acho, e é um ambiente bom para trabalhar.

**Rosiane** – E depois de todos esses anos em São Paulo, como foi chegar aqui, a perspectiva estava diferente do que era antes?

**Tia Cleide** – Assim, da maneira que você vê, você traz dinheiro, você já tem uma perspectiva boa. Agora, você arrastado, quando não tem nada, você se sente assim... Você teve algo para chegar e se estabelecer, você vê as coisas tudo redondo mesmo, tudo bom.

**Brenda** – Tia Cleide, a senhora tocou num ponto interessante: a senhora se formou em pedagogia, decidiu ser professora. Em que

Para ajudar no material de produção, a equipe tentou fazer uma pré-entrevista com a professora Helena Martins, do curso de jornalismo da UFC, mas como Helena estava em Brasília, a entrevista não foi possível de ser feita.

Também foi feita uma tentativa de entrevistar Daniele, uma das filhas de tia Cleide, mas no período ela estava em Floriópolis.

---

**“Eu não suporto ficar em casa, eu passei esses seis meses que eu saí da cantina dentro de casa, eu quase fico doente”.**

---

momento a senhora decidiu que não queria mais isso para sua vida e começou a empreender?

**Tia Cleide** – Porque, além de ser pouco salário, eu ensinava só adolescente e era colégio do Estado. Uma vez, eu tive uma ameaça por causa de um pai de um aluno, mas também não fiquei chateada por causa disso, não, porque geralmente pai quer que o filho passe: “Mas meu filho sabe, a senhora que não corrigiu direito”. Mas era por causa do salário mesmo. Agora, é bom (*ser*) professor, agora *tá* com salário bom, sabe? *Tá* bem melhor que antigamente, agora tudo para professor é melhor, agora é muito bom, é uma profissão boa, muito gratificante. Toda profissão que você vai que você gosta é muito boa, tem mais rendimento, as coisas rendem mais.

**Frida** – A senhora foi fazer faculdade com 32 anos já, por que foi que a senhora decidiu fazer faculdade já com uma idade avançada, já com meninos?

**Tia Cleide** – Porque já estava tudo assim... Já dava para ficar só, já manobrei tudinho para vida, agora vou manobrar a minha. Às vezes, minha filha fala: “Mãe, por que a senhora tem de trabalhar, por que não pode ficar em casa?” Eu digo: “Ó, Daniele, você não me encha o saco, eu só vou parar de trabalhar quando eu morrer”. “A senhora vai morrer dentro de uma cantina”. “Vou mesmo”. “Mas a senhora não deve mais trabalhar, se a senhora já *tá* com 64 anos, por que a senhora quer trabalhar?”. “Porque eu quero trabalhar, o que eu vou ficar fazendo em casa? Aturando teu pai, aposentado e chato. E não tem ninguém, sai de casa, pronto acabou”. Agora, minha filha vai se mudar, vai ficar só eu, meu marido e meu neto aqui nesse casarão, eu vou é vender para comprar um apartamento bem pequenininho.

**Frida** – E por que a senhora escolheu fazer pedagogia?

**Tia Cleide** – Porque eu achava bonito ser professora. Nessa época no interior tem muita carência de ter professor, eu ensinava muito de casa, os meninos pequenos fazendo a quinta, sexta série, eu ensinava os deveres de casa de cada um.

**Daniel** – A senhora falou na pré-entrevista que o pai da senhora era quase um poeta, um Patativa do Assaré (*poeta cearense, Antônio Gonçalves da Silva, falecido em 2002*). Acha que esse gosto dele por poesia teve alguma coisa a ver com o gosto da senhora por educação, por ensinar?

**Tia Cleide** – Acho que sim, porque a gente via ele devorando os livros, o que era de revista e jornal lá em casa, se você ver, só vendo mesmo! Tudo ele pega para ler, *tá* com 92 anos, ele lê tudo, fez já cirurgia de catarata, renovou a carteira de motorista para três anos agora, não pode mais dirigir depois desse tempo por causa da idade dele. Se você passar meia hora com ele, você se apaixona por ele completamente. Alegre, ele é alegre, vocês não vão ver papai com cara triste nem nada. Até no dia em que meu irmão faleceu, meu irmão faleceu com 65 anos... A gente ligou para ele: “Pai, Toim não resistiu”. Ele estava na Santa Casa (*de Misericórdia, hospital filantrópico de Fortaleza*). Ele disse: “*Tá* bom, eu disse para ele, Toim tu te cuida, quando tu começar a dobrar os joelhos, tu vai morrer.” Eu disse: “Pai, pois nós vamos levar ele para aí, *tá* com o plano funerário em dia?” “*Tá* em dia, minha filha, mas o plano não cobre toda a distância, é 365 quilômetros, a gente paga a diferença”. “*Tá* bom, a gente vai pagar”. A gente foi, eu fui na frente, meu esposo e meus irmãos. A mulher dele queria o velório em casa, não na funerária. O papai chamou a gente pro sítio, a gente pensava que ele estava chorando, quando a gente chegou, lá estava ele na roça com o chapéu, parece que não tinha acontecido nada. Ele disse: “Mas

---

**“Felicidade para mim é você *tá* de bem com a vida, ter sua família, acho que felicidade é isso, você gostar da sua família, gostar de si mesmo”.**

---

Foi feita uma pré-entrevista com uma das filhas da tia Cleide, Elaine. Ela foi feita pelo celular e a decupagem foi possível graças a um aplicativo que faz uma gravação de todas as chamadas.

ele já morreu, falei para ele que ele tinha de se cuidar." Papai é muito... Se ele vir você assim, ele pergunta qual é o teu nome, tu dizes e ele começa a fazer um verso sabe?

**Erick** – Tia Cleide, a senhora falou da personalidade do seu pai, e durante a pré-entrevista, destacou bastante, que sobretudo as mulheres puxaram muito o jeito dele, a disposição.

**Tia Cleide** – Assim, eu acho que são os dois, mamãe era trabalhadeira, com 89 anos, bota roupa na máquina de lavar, tira, bota no varal, faz comida, varre casa. Todos os dois são muito dispostos.

**Erick** – A senhora acha que essa personalidade... Uma coisa que a filha da senhora destacou foi que a senhora *tá* sempre de bom humor, uma coisa que ela disse foi que a senhora é tão boa que não presta...

**Tia Cleide** – (*interrompendo*) Ela sempre diz: "Mãe, a senhora é tão boa que não presta". Chegou uma pessoa aqui pedindo alguma coisa, eu vou lá dentro e dou. Meu esposo diz: "Tu parece Madre Teresa de Calcutá". Porque eu não sei dizer não, é muito difícil, só se for uma coisa que eu vejo que *tá* além dos limites.

**Erick** – A senhora disse agora que era difícil de abalar o seu pai, mesmo com a morte do filho. A senhora também é desse jeito? É difícil abalar a senhora? Ou tem algo ou alguma coisa específica que mexe um pouco mais?

**Tia Cleide** – (*fica em silêncio pensando*) Eu sou muito preocupada com os filhos, mas como já estão tudo grande, eu já me

sinto mais libertada. Quando você tem certa idade, quando vê seus filhos tudo formado, todos já têm sua casa para morar, não estão devendo, têm seu carro, têm sua educação, têm seu trabalho que veio da sua educação, não foi ninguém que deu, não... Eles têm o potencial de ter as coisas, você se sente mais confortável, uma pessoa mais leve, mais com vontade de fazer as coisas porque sabe que estão todos bem. Quando eles eram pequenos não, tem de ter isso para deixar para aquele outro. Depois que estão todos formados, você se desprende mais desse negócio e quer viver a sua vida, quer fazer o que você gosta, é como eu disse, minha filha fala: "Mãe, fica em casa". Eu não vou ficar em casa, eu não suporto ficar em casa, eu passei esses seis meses que eu saí da cantina dentro de casa, eu quase fico doente, todo dia eu ia para casa da minha mãe cinco horas da tarde e ficava lá até oito horas da noite. Porque, quando eu estou sozinha, eu gosto de organizar as coisas assim, assim, assado e quando eu termino eu saio de casa, acostumada a sair.

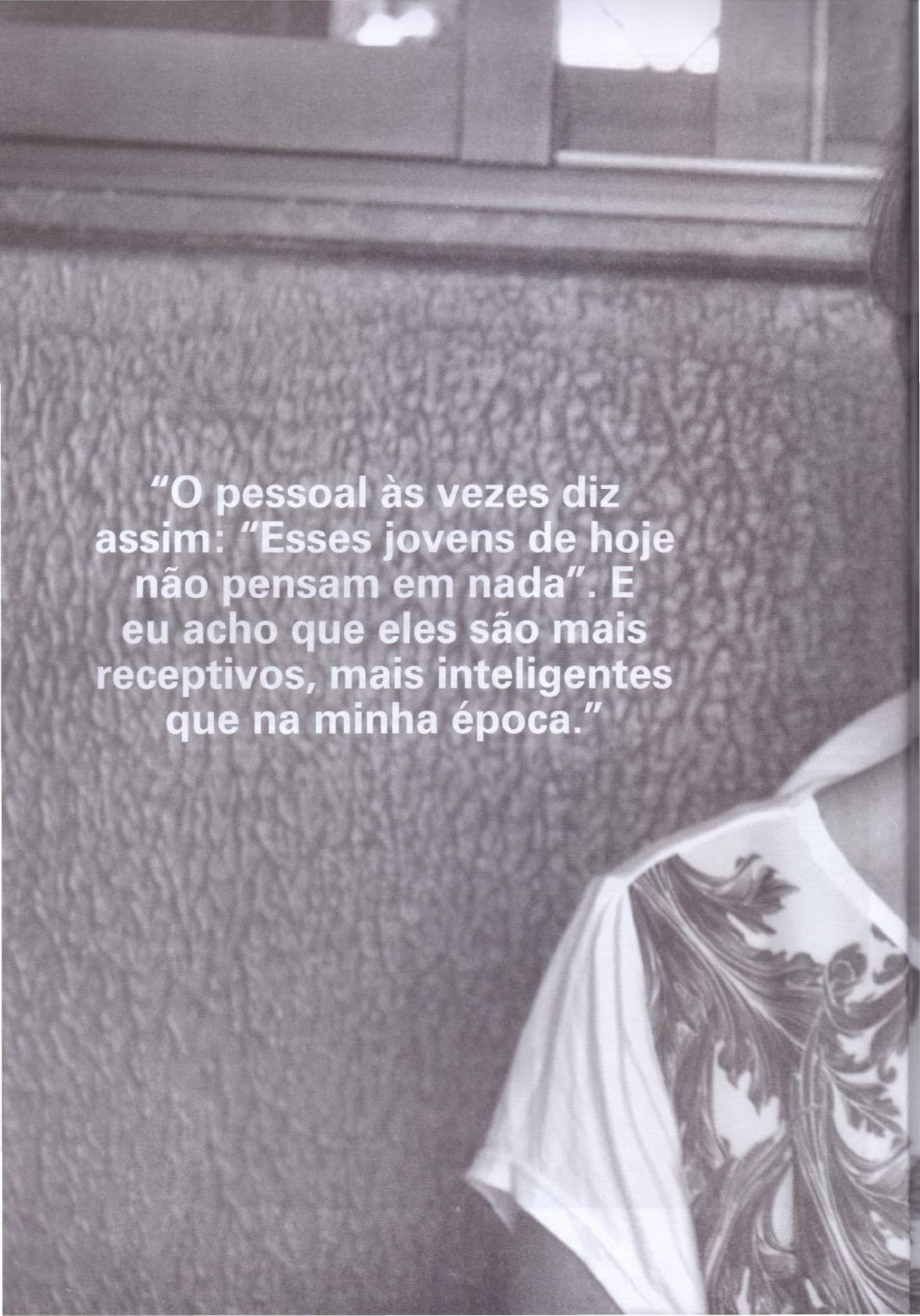
**Erick** – A senhora falou que não gosta de ficar em casa, tem essa coisa de trabalhar muito, as filhas já disseram, a senhora não para e tal. E o que a senhora faz nesse contraponto ao trabalho?

**Tia Cleide** – Eu trabalho, eu passeio, eu viajo, vou para a praia, vou comer caranguejo na quinta-feira, vou para a praia com meus netos, tenho um netinho de um ano e três meses, que até eu falo pro meu filho: "Júnior, hoje eu não vou trabalhar, se

Na noite antes da entrevista a ansiedade tomou conta do grupo da turma no aplicativo whatsapp. Mais de cem mensagens foram trocadas pelos nove participantes do grupo. Apenas Daniel não fazia parte.



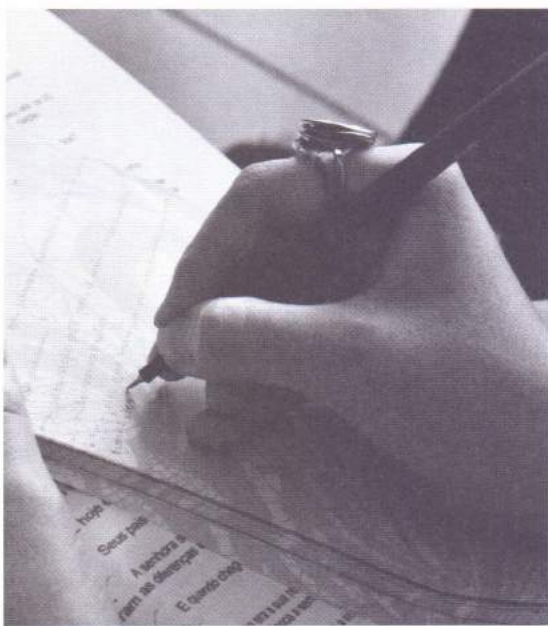
No dia da reunião de pauta, Lauriberto entregou uma cópia impressa da pauta, elaborada pela equipe de produção, para toda equipe da *Revista Entrevista*, incluindo a fotógrafa Stephanie Sousa.

A black and white photograph showing a person's shoulder and arm in the lower right corner, wearing a sleeve with a dark, intricate floral or leaf pattern. The background is a textured, light-colored wall. At the top, a window with a wooden frame is visible, showing some light coming through. The overall tone is contemplative and artistic.

**“O pessoal às vezes diz assim: “Esses jovens de hoje não pensam em nada”. E eu acho que eles são mais receptivos, mais inteligentes que na minha época.”**



Durante a realização da reunião de pauta, o conteúdo da pauta elaborado por Erick e Lauriberto foi levemente modificado.



“Você tem de ter amizade, é a coisa melhor do mundo, tem esse casal que não tem amigo, chega uma hora que não tem como sair, isso é muito ruim”.

Foi de Erick a ideia de convidar Stephanie para ser a fotógrafa. Ele pensou nisso depois de ela ter declarado o quanto queria participar da revista numa conversa informal nos corredores.

tu quiseres, pode deixar o Joaquim aqui”. Joaquim, o mesmo nome do meu pai, que é nome do meu neto. Ele diz: “Que história é essa? Não vou ter uma mãe para criar o neto não, ele vai é para creche”.

**Erick** – Para a senhora programa de domingo é *tá* com a família, é o caranguejo...

**Tia Cleide** – (*interrompendo*) Todos os domingos tem de vir todo mundo almoçar aqui em casa, todos eles têm de vir, todos os três, tanto a que fica aqui... Se a gente for para a praia, tem de chegar antes do almoço, faço almoço para todo mundo, tem a outra que é casada, traz os netos, ficam tudo em cima da rede, da cama e só vão embora 17 horas, 18 horas.

**Frida** – A senhora fez pedagogia, hoje em dia não dá mais aula, mas o que ficou desse período, o que foi mais marcante da faculdade?

**Tia Cleide** – Muita coisa, muita coisa, muito conhecimento.

**Frida** – O que, por exemplo?

**Tia Cleide** – Muito conhecimento para você passar pros seus filhos, para você conversar, gostar de ler, muita coisa, é muito bom, educação é tudo. Se você não tem educação, não tem nada, não. Pode até ter um patrimônio enorme, mas, se um dia acabar, se não tiver educação, não tiver estudo, você não vai fazer nada. Ninguém tira de você, você tem tudo. Não pode dizer que eu sou infeliz, infeliz por quê? O pessoal diz: “Ah, eu não estou feliz, mas eu não sei por quê”. Felicidade para mim é *você tá* de bem com a vida, ter sua família, acho que felicidade é isso, você gostar da sua família, gostar de si mesmo. O pessoal fica correndo atrás de uma felicidade que eu não sei onde é que *tá*, a pessoa tem tudo. Quanto mais estudo, mais vontade de estudar, o pessoal aqui em casa é assim: uma terminou os estudos, fez residência, fez não sei o que, fez não sei o que, não para. A Daniele veio falar: “Não, eu vou para Florianópolis, quero ser membro da Sociedade Brasileira de Anestesiologia”. A outra, também, fez mestrado, agora vai fazer doutorado, o outro fez especialização. É muito bom, vocês têm de aproveitar ao máximo essa vida de vocês (*de estudantes*).

**Rosiane** – A senhora começou a frequentar a faculdade na Uece e depois foi para Uva. Como foi a experiência de entrar na universidade, esse outro mundo?

**Tia Cleide** – Quando a gente é mais nova, a gente pensa diferente, a vida era muito boa, tinha meus colegas. Não tem vida melhor que essa de vocês, aproveitem, namorem muito, beijem muito, estudem muito. Cuidem dos pais, que é a melhor coisa no mundo que a gente tem, o pai e a mãe.

**Rosiane** – Quais as melhores experiências que a senhora se lembra como estudante da universidade, fez muitos amigos?

**Tia Cleide** – Fiz, até hoje eu tenho amigo. Um dia desses eles fizeram uma festa, telefonaram para mim e eu fui, a gente se reuniu. Um bocado já é falecido, tem três falecidos, eles botaram lá a foto em homenagem a eles. Uma coisa muito boa nessa vida é você ter amigo, você jamais, nem que você case, você não deixe seus amigos para se dedicar somente ao seu marido, não queiram isso para vocês de jeito nenhum. Nem vocês homens também. Tem mulher que casa e – o homem também – se dedica à casa, fica sem sair com os amigos para conversar, não convida para ir para sua casa e é muito ruim você não ter amigo. Não existe a vida da pessoa, só você, seu marido e seus filhos, não, sua nora e seus netos, não. Você tem de ter amizade, é a coisa melhor do mundo, tem esse casal que não tem amigo, chega uma hora que não tem para aonde ir, isso é muito ruim.

**Daniel** – A senhora falou que começou a faculdade com 32 anos, existia uma diferença de idade muito grande. Como foi se adaptar à turma da faculdade?

**Tia Cleide** – Estudo é assim, você passa um tempo sem estudar, mas assim que volta, depois de um mês, já começa a fazer amizade. Sala de aula é muito bom, tanto para quem tá ensinando como para quem tá estudando!

**Lauriberto** – A senhora guarda alguma lembrança especial da faculdade, algo de que se lembra até hoje?

**Tia Cleide** – Eu me lembro só quando eu fiz aniversário, que me deram uma imagem da Nossa Senhora de Fátima. Ainda tenho a que eles me deram, tu acredita? Já foi para São Paulo e hoje tá guardada.

**Frida** – Vai com a senhora para onde a senhora for.

**Tia Cleide** – Eu tive uma vez uma evangélica que trabalhava aqui em casa que disse: “Ei, dona Cleide, dá para senhora tirar a imagem daqui? Eu disse: “Não, senhora, dá para eu tirar a faxineira” (risos). O nome dela era dona Narcélia, ela era tão engraçada, falava tudo cantando. Ela disse: “Não, senhora, eu estava só brincando”. “Pois tá bom”.

**Frida** – Ei, tia Cleide, e a senhora não sente falta não, de dar aula?

**Tia Cleide** – Não, sinto mais não. Eu sinto falta da fofoca do balcão (risos gerais), da cantina, do pessoal ficar em pé batendo papo, sinto falta disso. Não estou dizendo que esses seis meses que eu fiquei em casa, foram ruins, viu? O namorado da menina (a



Tia Cleide já tinha participado de um trabalho da Stephanie antes, quando foi modelo para uma fotografia dela para a cadeira de Informática e Comunicação.

Na reunião de pauta, enquanto discutíamos as diversas mudanças de tia Cleide, Átala lembrou da música “Encontros e Despedidas”, de autoria de Milton Nascimento e Fernando Brant.



Depois de Átala lembrar da canção, boa parte da turma começou a cantá-la, interrompendo momentaneamente a discussão sobre a vida da entrevistada.

filha Elaine) ganhou a licitação da cantina (da arquitetura) e disse: "Vai lá tia, ficar comigo lá". E eu disse: "Vou".

**João Gabriel** – Mas tia Cleide, a senhora falou no começo da entrevista que tinha o sonho de ser professora. Agora, a senhora acabou de falar que não sente falta, como foi essa quebra? A senhora tinha esse sonho e de repente...

**Tia Cleide** – Não, é porque você vai trabalhar, você fica no comércio que é uma coisa que dava mais dinheiro, já cobria suas necessidades dentro de casa tudo. Pronto, você superou. Supera! Você começa a fazer, começa a fazer, vai melhorando e pronto, você esquece. É assim mesmo.

*(Nesse momento o marido de Tia Cleide chega em casa cumprimentando a todos e a entrevista tem uma rápida pausa)*

**Átala** – Tia Cleide, a senhora parece ser uma pessoa bem determinada...

**Tia Cleide** – *(interrompendo)* Eu sou mesmo.

**Átala** – ...Trabalhadeira e fácil de lidar com as pessoas.

**Tia Cleide** – Sou mesmo, pergunta pro velho *(o marido)* pra tu ver. *(risos de todos)*

**Átala** – A senhora atribui isso a quê? A formação que seus pais deram ou à própria vida?

**Tia Cleide** – Mesmo jeito, porque o papai é assim também. Desse jeito. *(breve pausa)* A vida ensina muita coisa.

**Erick** – A senhora tem essa coisa de empreender, que é algo que permeou toda a vida adulta da senhora, praticamente. Mas

tem essa coisa da educação que veio desde muito jovem, a vontade de ensinar. Hoje, das duas coisas, qual a senhora acha que mais se sobressaiu? Foi realmente o comércio, de empreender?

**Tia Cleide** – Foi, e não me arrependo de jeito nenhum nem me lembro do passado. Eu não sou daquelas de dizer: "Ah, mas devia ter feito isso". Não. Passou, *(é ir)* pra frente.

**Tais** – A senhora falou que não consegue ficar sem trabalhar. Ainda pensa em trabalhar com alguma outra coisa? Tem algum *(outro)* sonho?

**Tia Cleide** – Não, se eu não pegar a cantina de volta, aí eu boto *(a cantina)* aqui em casa. Esse tempo que eu fechei lá *(cantina da comunicação)*, fiquei fazendo quentinha pra *(curso da UFC)* Psicologia, todo dia ia deixar lá. Oito, dez, 12, 14, 15 quentinhas todo dia. Ainda vendia para os vizinhos aqui. Quando você é determinada a trabalhar, alguma coi-

---

**"Eu acho que cada um escolhe a vida que quer. A gente tem de viver a nossa vida, se tá feliz daquele jeito, tem de ser feliz, não tem de dar satisfação a ninguém".**

---



Ainda na reunião de pauta, ao lembrarmos de uma foto de tia Cleide abraçada com um Gogo Boy (em uma ação do curso de Publicidade e Propaganda), Rosiane soltou um "ai que inveja".



---

“Todo mundo tem de engolir sapo na vida, de um jeito ou de outro. (Não importa) o dinheiro, os estudos que você tenha, de vez em quando você engole sapo”.

---

sa você faz. Tem mil e uma coisas pra fazer, é só querer.

**Erick** – Voltando um pouco para a família, a senhora destacou os filhos, como a maternidade foi importante. E a senhora destacou em vários momentos as dificuldades passadas na infância. Vida no interior, outros tempos, falta de informação, pouco acesso aos estudos... Como a senhora enxerga o sucesso profissional dos filhos? Como foi ver como mãe os filhos se formando em cursos disputados em faculdades prestigiadas?

**Tia Cleide** – Como mãe a gente se sente realizada. E por mais que você seja dedicada, você sabe que o mérito é deles, é de quem se esforçou. O mérito não é nem do pai nem da mãe, eles ajudam, mas o mérito maior é de quem quer. E a (*filha*) que é médica, passou no vestibular com 16 anos. Assim que terminou o segundo grau, ela passou pra Medicina na UFC, com 22 anos ela já estava formada, com 25 já estava na residência em anesthesiologia.

**Daniel** – Durante a pré-entrevista, e em algumas respostas hoje, eu percebi que a senhora gosta muito do (*bairro*) José Walter. Por que esse amor tão grande pelo bairro?

**Tia Cleide** – Eu adoro o bairro José Walter. Bairro pequeno é que nem interior, você convive com aquelas pessoas. Todo mundo se conhece. Eu tinha comércio lá, então, todo mundo me conhecia e isso cria uma amizade muito grande. De vez em quando eu vou por lá. Eu gosto de lá, no tempo em que eu morava lá era calmo, mas acho que violento agora tá em todo canto.

**Daniel** – E da convivência no bairro, do que a senhora sente mais falta?

**Tia Cleide** – Você conhece todos os vizinhos, e vive que nem uma família. As crianças brincando no meio da rua, meus filhos tiveram infância, hoje em dia criança ficar brincando na rua é mais difícil. Hoje é tudo no computador, meu neto só quer saber de computador e videogame.

**Frida** – E por que foi que a senhora saiu do José Walter?

**Tia Cleide** – Pra ficar mais perto da cantina.

**Mylena** – A senhora fala da cantina a todo momento. E como foi a decisão de ir trabalhar lá?

**Tia Cleide** – Eu e essa minha amiga (*Martilde*) éramos muito amigas. Os filhos dela são afilhados dos meus filhos. Ela é muito boa com alimentação, ela trabalha bem. Aí ela disse: “Cleide, se tu tiveres um dinheiro, a gente junta e pega a cantina”. Nós fizemos isso. E foi bom mesmo. Rapaz, eu já vi tanta coisa naquela cantina...

**João Gabriel** – Como foi começo na cantina? Os primeiros momentos?

Foi a própria *tia* Cleide que sugeriu a casa dela como local da entrevista. Segundo ela, “é, a gente faz lá, é bom que é pertinho daqui e a gente pode ficar mais à vontade”.

No dia anterior da entrevista, durante a disciplina de Pesquisa e Comunicação, ministrada pela professora Júlia Miranda, Daniel estava bastante nervoso, mas Júlia conseguiu tranquilizá-lo.

Horas antes da entrevista, a equipe toda já estava reunida na UFC, quase todos se mostraram bastante apreensivos.



Taís sugeriu que a equipe fizesse uma reunião antes da realização da entrevista, mas ela mudou de ideia e a reunião acabou não acontecendo.

**Tia Cleide** – Foi meio ruim, mas teve muito professor, que eu acho que nem estão mais lá, da Biblioteconomia (*Fátima Portela e Fátima Fontenele*) que levavam todos os alunos. Elas viam que a cantina era ruim, quando nós (*Tia Cleide e Dona Matilde*) chegamos lá, não vendia nem R\$ 50,00 por dia, ela (*a cantina*) estava acabada mesmo. Elas levavam todos os alunos, mandavam sentar lá pra merendar. Elas eram muito engraçadas, acho que elas não estão mais lá. As duas se aposentaram.

**Frida** – Quando a senhora chegou (*ao curso de*) comunicação, qual foi o sentimento? Qual foi a primeira impressão?

**Tia Cleide** – O pessoal lá botava o terror na gente. Teve um servidor que chegou pra mim e disse assim – olha, vou falar o nome não, que eu não gosto de falar o nome de ninguém: “Você, vai ficar aqui, mas você tem de dar café pra todo mundo”. Isso me chateou tanto, ai eu fui lá na Reitoria. (*Na reitoria disseram*) “Não dona Cleide, não tem nada a ver, a senhora dá se quiser, mas não tem essa obrigação”. Outra vez, quebrou a torneira e eu fui chamar o senhor que trabalhava consertando e ele disse assim: “Sim, se a senhora der o café eu conserto, mas aqui é assim, só se conserta as coisas se...”. Depois que chegou o doutor Murilo (*Dodt, atual prefeito do campus do Benfica*), ficou bom. Ele disse: “Olhe, dona Cleide, tem esse negócio não, quando a senhora quiser algum serviço, fale comigo que eu faço a ordem e mando arrumar”. Mas depois a gente acostumou e viu que era... (*breve pausa*) Besteira.

(*Seu Pedro chega na janela e diz: “Tá sendo sabatinada hoje? São muitas perguntas e poucas respostas?”*, e Tia Cleide responde: “É, vê se não atrapalha não”, todos riem)



A casa de tia Cleide fica a menos de um quilômetro do Centro de Humanidades da UFC. A turma inteira, incluindo o professor Ronaldo e a fotógrafa Stephanie, foi e voltou a pé, sendo acompanhados pela entrevistada no caminho de ida.

**Lauriberto** – Fora os professores da biblioteconomia, a senhora teve ajuda de outras pessoas?

**Tia Cleide** – Tive a ajuda de todo mundo, todos que foram clientes, ajudaram. O cliente tá comprando, mas quem tá vendendo precisa mais do que quem tá comprando. O cliente pode ir comprar em qualquer lugar, entendeu? Então, quem tá lá comprando, tá ajudando, de um jeito ou de outro.

**Erick** – Quando ela (*Matilde*) resolveu sair (*em 2007*), passou alguma centelha de dúvida na cabeça da senhora sobre continuar na contina...

**Tia Cleide** – (*interrompendo*) Não, já estava decidida. Eu disse: Quanto tu quer pra sair? Ela falou, eu paguei e pronto.

**João Gabriel** – Tia Cleide...

**Tia Cleide** – Oi.

**João Gabriel** – A senhora falou (*na pré-entrevista*) que não vê diferença entre as pessoas, que o seu pai era muito aberto. A senhora também. Na comunicação, a gente sabe que tem muito aluno homossexual, tem muita diversidade. Como a senhora lida com isso?

**Tia Cleide** – Pra mim tudo é igual, tem diferença não. Eu acho que cada um escolhe a vida que quer. A gente tem de viver a nossa vida, se tá feliz daquele jeito, tem de ser feliz, não tem de dar satisfação a ninguém. Você só tem de dar satisfação quando você

depende da pessoa, do contrário, cada um vive a vida que quer. Se ele se sente bem com o parceiro dele, que é homem, então tem mais é que assumir mesmo. É a felicidade da gente que está em jogo, a gente precisa ser feliz, a vida é tão curta. Tem de aproveitar enquanto está vivo.

**Frida** – Na pré-entrevista, a senhora comentou que o Ventão foi a melhor coisa que aconteceu na vida da senhora. Por quê?

**Cleide** – Porque o pessoal se reunia ali, ficava conversando, passa o tempo. Você não pensa em nada, fica vendendo, não vai ficar preocupada com nada em casa. É bom – como é que se diz –, é relaxante!

**Frida** – O que o Ventão significa pra senhora?

**Tia Cleide** – Ali eu só vi coisa boa, só tinha coisa boa. (*pausa*) Alegria! Alegria, ali é muito bom. Se eu pegasse de novo era bom (*ênfase*).

**Erick** – O Ventão é um espaço de convivência pra vários cursos (*Jornalismo, Publicidade, História, Biblioteconomia e Psicologia*) do CH2 (*Centro de Humanidades da UFC*), mas é considerado como um espaço da Comunicação (*Jornalismo e Publicidade*). A senhora viu o curso de Publicidade surgir na UFC (*em 1998*). Existe uma identificação especial com a Comunicação Social?

**Tia Cleide** – Tem, era de onde mais tinha gente, quem passava mais tempo lá. Era muita brincadeira, tinha os trabalhos, muito

---

“Qualquer um de nós sentado aqui, qualquer um pode ter um imprevisto e precisar, e a coisa melhor do mundo é ter alguém pra ajudar”.

---

No caminho até a casa de tia Cleide, a entrevistada pediu para que alguém levasse uma caixa e uma sacola. Erick se ofereceu para levar. Todos especularam que se tratava de comida. Ao final da entrevista, a dúvida seria sanada.

No caminho para casa da tia Cleide, a turma toda foi abordada por duas mulheres da Fábrica di Chocolate, rede de *fondue express*, as quais tiraram uma foto de todos segurando balões amarelos.

trabalho bonito (*refere-se aos trabalhos desenvolvidos nas disciplinas, os quais eram expostos no espaço da cantina*). É muito bonito o curso de Comunicação! Ficava todo mundo junto ali, era bom demais.

**Erick** – A senhora acabou de falar dos trabalhos, a senhora acaba sendo personagem de muitos deles. Tem uma foto que a senhora mesma lembrou (*na pré-entrevista*) que repercutiu bastante, que foi a do gogo boy (*Em 2014, Tia Cleide tirou uma foto abraçada com um gogo boy sem camisa, em uma ação promovida por alunos do curso de Publicidade e Propaganda, que fez bastante sucesso entre os alunos*). Como é essa coisa de participar, se envolver nos trabalhos?

**Tia Cleide** – É um divertimento, bom demais! Eu penso assim: eles estão fazendo um trabalho que eles têm de fazer. E eu acho que estou ajudando também, eu podia dizer: “Não, faço não”. Mas eu penso que ajuda, eu gosto de ajudar.

**Átala** – E a senhora sente falta desses momentos?

**Tia Cleide** – Sim, sinto falta. O pessoal todo jovem, o pessoal de mais idade é que nem os jovens (*fala apontando para o professor Ronaldo*). Boa parte dos professores tem a cabeça jovem igual aos alunos.

**Frida** – A senhora passou 17 anos no Ventão, deve ter um monte de histórias pra contar. Conte aí uma pra gente.

**Tia Cleide** – Tem uma história tão engraçada. Uma vez chegou um rapaz – era dia de calourada – e disse assim: “Tia, me socorre”. E eu disse assim: “O que foi meu filho?”

Tinha um rapaz perto dele que pediu pra eu ir olhar, quando ele se virou que eu olhei, a calça dele estava toda rasgada (*alguns risos*). E ele ainda disse assim: “Tia, eu estou sem cueca”. E eu: “Tá difícil, viu?” Não, primeiro ele chegou perguntando se eu tinha linha e agulha e eu disse que tinha. Eu mandei ele ficar no banheiro, pedir pro amigo levar a calça pra mim, e eu costurei todinha. Depois ele voltou pra agradecer. Uma semana depois eu fui ao Centro e comprei três cuecas (*risos gerais*), ele ficou quase um mês sem aparecer, pensei que ele nem estudasse lá. Quando foi um dia ele chegou e disse: “Tia, eu nunca mais vim aqui né?”. Eu disse pra ele: “Estava com vergonha de mim, era?” Isso pode acontecer com qualquer pessoa. E ele: “Não, é porque eu estava sem cueca”. “Pois tem problema não, tá aqui, eu comprei três cuecas pra você”. Ele ficou todo encaulado, e disse: “Vou ficar só porque a senhora costurou minha calça”. Toda vida que ele ia lá, ele olhava pra mim e começava a achar graça. Eu já vi cada coisa ali! Uma vez entrou uma mulher na cantina – não sei se era uma travesti – e pediu uma merenda. O movimento começou e essa mulher desapareceu, e eu falei pro rapaz que trabalhava comigo: “Antônio, a mulher não tá mais aqui não”. Ele disse: “Vou já lá na portaria saber se ela passou por lá”. Perguntou pro guarda se ela tinha passado, ele disse que não. O Antônio foi atrás. Tu acredita que ele achou lá Psicologia e já tinha trocado de roupa, era uma travesti mesmo. Ai, o rapaz que trabalhava comigo fez ela ir na cantina

Todos ficaram decepcionados ao descobrirem que a foto não foi publicada na página do facebook da Fábrica di Chocolate.





pagar. É cada coisa inusitada que você vê. E no dia das calouradas é que você vê mesmo (*todos riem*). Quando diziam: “Tem calourada”, 21 horas eu fechava.

**Erick** – A senhora contou algumas histórias de aspecto mais cômico, tem algumas histórias que marcam a senhora pelo lado mais emocional?

**Tia Cleide** – Já, já! Tem a Marilac, que era uma funcionária lá da Reitoria (*Célia Marilac de Oliveira era funcionária da pró-reitoria de Extensão da UFC, e foi morta a facadas pelo marido em julho de 2006*) e almoçava todo dia na cantina. Um dia ela foi lá almoçar – isso eu não esqueço nunca na minha vida – e disse: “Ei, dona Cleide, hoje vai ter frango ao molho?” Eu disse que não, e ela falou assim: “Pois hoje eu comer lá no (*shopping*) Benfica”. E saiu. Depois de umas duas horas eu fiquei sabendo que o marido dela a tinha matado lá no Benfica. Eu fiquei tão chateada, tão ruim! Fiquei pensando que, se tivesse o frango, talvez ela não tivesse morrido. Esse dia foi triste demais!

**Erick** – Outra coisa que a senhora comentou na pré-entrevista foi que sempre quis ajudar os outros, porque seus filhos estavam pelo mundo e outras pessoas podiam ajudá-los...

**Tia Cleide** – (*interrompendo*) Sempre pensei assim. E a gente não está fora disso, não, sabia? Qualquer um de nós sentado aqui, qualquer um pode ter um imprevisto e precisar, e a coisa melhor do mundo é ter alguém pra ajudar.

**Erick** – E o quanto a senhora acha que esse convívio, essas ajudas, essas histórias – apesar da senhora já estar com uma idade avançada –, impactaram no modo de ver e encarar a vida?

**Tia Cleide** – Clareou bastante minha mente. Eu acho que fiquei mais nova. É um contato muito bom, você ter contato com gente jovem, seja lá como for, já é bom. O pessoal às vezes diz assim: “Esses jovens de hoje não pensam em nada”. E eu acho que eles são mais receptivos, mais inteligentes que

---

“Rapaz, quando o pessoal chegava na cantina e falava “dona Cleide” eu estranhava (*todos riem*), te juro!”

---

Chegando ao local da entrevista, houve um breve impasse quanto ao cômodo onde seria realizada a entrevista. Tia Cleide sugeriu a sala de estar, mas a iluminação não colaborava para as fotos.

Após Erick e Stephanie realizarem alguns testes na garagem, ficou definido que ali seria o local ideal. Ai, foi a hora de todos irem buscar cadeiras pela casa já que não havia espaços onde sentar na garagem.

A entrevista estava marcada para as 16 horas, mas acabou acontecendo meia hora antes, pois tia Cleide acabou saindo antes do previsto da cantina da Arquitetura.



na minha época. Embora tenha a questão da violência, mas a violência sempre existiu – a violência aumentou também porque aumentou o número de pessoas, aumentou a miséria, aumentou a falta de educação. Se você tem 20 pessoas vivendo em um bairro e passam a morar 50, a chance de ter coisa ruim também é maior – mas eu acho que o pessoal de hoje tem a cabeça mais aberta, sabe o que quer, mais do que antigamente.

**Rosiane** – Durante toda a vivência na cantina, teve algum momento, pessoal ou profissional, em que a senhora pensou em desistir?

**Tia Cleide** – (*breve pausa*) Não, a vida da gente... (*outra pausa breve*) Pra viver a gente tem de ter um exemplo. Na sua vida, pra você viver em paz, bem, você tem de engolir sapo. Todo mundo tem de engolir sapo na vida, de um jeito ou de outro. (*Não importa*) o dinheiro, os estudos que você tenha, de vez em quando você engole sapo. Então, se você aprende a lidar com isso, você vive bem a vida. Não existe ninguém que não tenha passado por isso na vida, essas coisas sempre acontecem. (*Às vezes*) o próprio colega, a família, todo mundo é humano, todo mundo passa por isso.

**Átala** – Este ano (*em 2015*) o curso de Jornalismo completa 50 anos de existência. Como a senhora se sente sabendo que, de certa forma, faz parte da história do curso?

**Tia Cleide** – Feliz, toda vez que acontece alguma coisa em que você se sente reconhecido você se sente feliz. É bom, pra mente, pro corpo, pra alma, pra tudo!

**Átala** – E a senhora tem vontade de voltar lá pro Ventão?

**Tia Cleide** – Na hora em que entrar em licitação de novo eu vou concorrer e vou botar um preço bem alto. Eu vou fazer de tudo pra voltar.

**João Gabriel** – Quando a senhora entrou no Ventão, os estudantes eram de um jeito, quando a senhora saiu eram de outro. Como a senhora percebeu essa mudança no ensino público?

**Tia Cleide** – Eu não prestei muita atenção, não (*alguns risos*). Eu não vi diferença, de jeito nenhum.

**Erick** – Acho que o que o João Gabriel tentou trazer foi que nos últimos anos a UFC se tornou um pouco mais democrática, abriu as portas para alunos um pouco mais humildes do que era o perfil de 15, 20 anos atrás (*João faz um sinal concordando com Erick*).

**Tia Cleide** – Sim, agora eu entendi a pergunta dele. Foi uma coisa muito boa que aconteceu na UFC. Na sociedade, a pessoa só cresce se tiver oportunidade. A faculdade pública, principalmente antigamente, é ocupada mais por filhos de pessoas com bens (*materiais*). Ela abrindo essa chance, a família de quem não tem (*tanto*), pode engrandecer. Se eu sou de uma família pobre, não tenho nada, se eu tenho uma oportunidade, uma chance do meu filho crescer, eu vou crescer junto com ele. E eu acho que a sociedade vai mudando. Os salários vão melhorando, as pessoas vão crescendo. Antigamente era mais fechado. A pessoa já tem (*dinheiro*) e continua tendo. Filho educado numa escola melhor, faculdade pública sem pagar nada, ela vai crescer. E quem não teve aquela oportunidade vai continuar estagna-

Para garantir que a gravação não fosse perdida, Lauriberto registrou a entrevista com o celular e com um gravador digital. Erick, o professor Ronaldo e Daniel também gravaram a entrevista.



No decorrer da entrevista, um transeunte que estava passando em frente à casa de *tia* Cleide, resolve começar a falar algo aleatório, mas rapidamente ele foi embora.

do, não evolui porque não tem a oportunidade. Eu acho que as cotas foram coisas boas, deram a oportunidade de a pessoa crescer. O filho da faxineira tá estudando. Eu acho que foi uma coisa muito boa que foi feita. Eu acho que a faculdade (UFC) mudou pra melhor, hoje em dia em todo interior tem uma faculdade, isso é uma chance muito grande para as pessoas crescerem. Quanto mais oportunidade, melhor. Tem gente que diz que com faculdade em todo canto não vai ter emprego pra todo mundo, eu digo: "Vai, vai ter emprego pra todo mundo, se você quiser, vai! As coisas vão crescendo, tudo vai aumentando e vai surgir emprego. Tem que estudar e acreditar que vai dar certo".

**Rosiane** – *Tia Cleide, (ela esquece momentaneamente a pergunta e faz uma pausa)*

**Tia Cleide** – Diz, menina! (*todos riem*)

Rosiane – Lembrei. O tempo que a senhora ficou na cantina, seus filhos estavam na faculdade. Como eles viam o trabalho lá na UFC? Eles ajudavam?

**Tia Cleide** – Ajudavam. Minha filha que fazia Medicina saía da aula e ia pra cantina merendar e depois ia pra aula na Casa de Cultura (*em frente ao CH2 da UFC, onde se localiza o Ventão*). Quando saía da Cultura, ela ficava comigo na cantina de noite, até meu filho ir pegar a gente pra voltar pro José Walter. Às vezes, ela levava as colegas pra ir merendar lá na cantina. Nunca tiveram vergonha, de dizer assim: "Minha mãe tem cantina". Minha filha que estudava na Unifor levava as amigas pra ir estudar lá no José Walter.

**Erick** – A senhora tem falado do período de adaptação depois que saiu da cantina,

mas a senhora já sabia que ia ter de sair. A senhora tem falado muito sobre o período depois, mas o período antes de terminar o contrato, como foram esses meses que antecederam o momento em que a senhora sabia que teria de deixar o Ventão?

**Tia Cleide** – Quando a gente já sabe o que vai acontecer, tem de lidar como uma coisa normal. É uma obrigação que você tem.

**Erick** – O dia de entregar...

**Tia Cleide** – A gente sente! Quando você chega em casa, que acorda no outro dia... Tu acreditas que no dia seguinte eu acordei e fui tomar banho pra trabalhar, meu esposo disse assim; "Tu é doida é?" Você acostumou, tudo acostuma. É aquela rotina que você tem.

**Átala** – E por que esse apego tão grande pela Comunicação?

**Tia Cleide** – Acho que é pela convivência, por causa das brincadeiras, eu acho que é (*por isso*). Eu não sei explicar (*direito*), mas acho que é por causa disso.

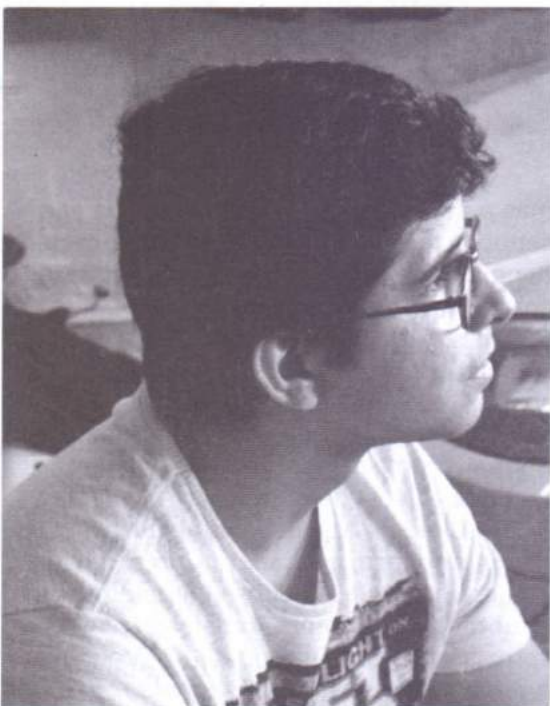
**Frida** – *Tia Cleide, a senhora é uma pessoa muito risonha, muito alegre, mas tem alguma coisa que tira a senhora do sério?*

**Tia Cleide** – Tira, bagunçar minha casa. Se cair um pingo de café no chão eu tenho de passar o pano na casa. E também tirar minhas coisas da ordem, tudo tem um canto, panela, copo, xícara, pires. Principalmente quarto e banheiro. Se tiver uma toalha pendurada sem ter botado antes pra secar, me tira do sério. Roupas em cima de cama, roupa em cima de cadeira. Meus filhos dizem que eu sou chata demais, eu digo: "Sou mesmo, sou muito chata mesmo". Até pra trabalhar comigo eu sou chata.

O marido de *tia* Cleide chega em casa durante a realização da entrevista. A fotógrafa Stephanie aproveitou a oportunidade para tirar fotos dos dois. Ela gostou tanto do material que disse que ele não podia ser cortado na edição.



Enquanto Stephanie tirava algumas do rosto de tia Cleide, ela reclamou que não tinha passado maquiagem pra sair bonita, e disse: "Era melhor ter sido no fim de semana pra ter tempo de se produzir".



Depois de terminada a entrevista, tia Cleide ofereceu para todos um lanche com salgadinhos, pão de queijo, tapioca e bolo. Ao final, ainda sobrou comida pois ninguém conseguia comer mais nada.

**Erick** – A senhora tem vários irmãos, deve ter um monte de sobrinhos biológicos...

**Tia Cleide** – (*interrompendo*) Nem sei quantos mais, acho que tenho demais.

**Erick** – Mas como foi nos últimos anos ter arranjado mais tantos (*bastante ênfase*) sobrinhos?

**Tia Cleide** – Rapaz, quando o pessoal chegava na cantina e falava "dona Cleide" eu estranhava (*todos riem*), te juro! Negócio de "dona", sou nem dona de ninguém, só Deus que é meu dono. Em São Paulo também o pessoal chamava a gente de tia, tudo é tia. Você vai entrar no ônibus e dizem: "Ei tia, toma a cadeira" (*mais risos*).

**Tais** – A senhora tá atualmente ajudando o genro na cantina da Arquitetura. Eu quero saber se tem grande diferença de como era na Comunicação.

**Tia Cleide** – Tem, é diferente. Não sei se por causa das pessoas. Também começou agora, a gente só sabe das coisas depois de um tempo.

**Frida** – Tia Cleide, saindo um pouco da cantina, indo mais pro geral. Qual a senhora acha que foi o momento mais difícil da sua vida?

**Tia Cleide** – Foi na época que minha mãe teve um AVC, quando meu irmão faleceu, as perdas. Essas perdas que abalam mais a gente. Saúde, doença e morte são as coisas que mais abalam a estrutura da família. Não é dinheiro, não é (*falta de*) contato, o que balança, desestrutura mesmo é doença. Depois a gente vê que tem de continuar, mas todo mundo quando passa por uma situação dessa é ruim.

**Erick** – E qual a senhora destacaria como o momento mais alegre, mais marcante pela felicidade na sua trajetória?

**Tia Cleide** – Primeiro é quando nascem os filhos, depois é quando os filhos se formam. Você faz aquela festa boa, porque sabe que eles estão bem encaminhados na vida, você se sente realizada plenamente.

**Átala** – Falando sobre os filhos, todos eles hoje têm carreiras bem-sucedidas e estão bem de vida. A senhora acha que esse interesse deles por estudar tem muito a ver com o fato de a senhora ter ido buscar fazer uma graduação com 32 anos e conseguir se formar?

**Tia Cleide** – Eu acho que tem. Acho que tudo tem a ver com o ambiente familiar mesmo.

**Átala** – E esse gosto pela educação é uma herança do seu pai?

**Tia Cleide** – É, papai só tem a 5ª série, mas papai é "danado". Meu pai faz coisa que universitário não sabe. É inteligente demais aquele "velho". Ele é tão engraçado, ele diz

assim: “Maria Cleide, sente aí na mesa, pegue um papel e uma caneta”. Ele manda eu fazer escritura, fazer cálculos, tudo ele decorava porque botava a gente pra fazer. Ele é inteligente.

**Brenda** – Tia Cleide, eu posso dizer que a senhora se sente realizada como mãe?

**Tia Cleide** – Como mãe, sim.

**Brenda** – Existe alguma coisa que a senhora acha que poderia ter feito pelos filhos e deixou de fazer em algum momento?

**Tia Cleide** – Eu acho que não, acho que tá bom. Eles estão com a vida bem encaminhada. Eu brigava, eu trabalhava e chegava em casa de noite e ia olhar todos os cadernos, se estava certo ou não. Sempre fiquei em cima, em cima mesmo!

**Erick** – Tia Cleide, pra ir finalizando. Eu comecei perguntando quais eram os sonhos que a senhora tinha quando chegou aqui em Fortaleza com 21 anos. Hoje, olhando em perspectiva para o passado, a tia Cleide conseguiu realizar todos os objetivos daquela Maria Cleide que chegou aqui há mais de 40 anos pra terminar os estudos?

**Tia Cleide** – Realizei, realizei! Eu me sinto realizada, todos os meus objetivos foram alcançados. E não reclamo de nada nem me arrependo de nada.

**Frida** – E hoje Tia Cleide, quais são as expectativas que a senhora ainda tem?

**Tia Cleide** – Eu quero viver bem muito ainda. A idade do meu pai (92 anos) tá bom demais. Minha expectativa de vida é boa, ver meus filhos e os netos crescerem – agora são os netos. Mãe é assim, é engraçado, vai para os filhos, quando os filhos crescem você pensa nos netos, depois vêm os bisnetos. É que nem minha mãe, ela tem bisneto, tataraneto. Quando teve o aniversário de 75 anos de casamento dela, era tanta da gente, que eu nem conhecia.

Durante a pós-produção da entrevista, Erick foi visitar tia Cleide e descobriu que ela havia ganhado a licitação para reassumir a cantina da Comunicação. A notícia foi bastante comemorada por todos os participantes desta edição de *Entrevista*.

A notícia da volta da tia Cleide à cantina do Ventão teve uma grande repercussão entre os estudantes do curso de comunicação, para alguns a notícia foi tão boa, que eles custaram para acreditar na veracidade dela.